



A ocupação do espaço por meio da memória

Nas últimas aulas trabalhamos com o processo da ocupação do espaço latino-americano com base na presença física dos diversos grupos sociais. Por exemplo, analisamos a presença de povos originários e afrodispóricos em diferentes contextos e as relações que estes estabeleceram e ainda hoje estabelecem com o meio onde vivem, bem como, o impacto da sua presença para diferentes comunidades no seu entorno.

Para além da identificação da presença física dos sujeitos, podemos compreender a ocupação do espaço a partir de outros registros. Ao caminharmos por nossas cidades, tendo um olhar mais atento, podemos encontrar registros da presença de distintos indivíduos ou grupos sociais em diferentes momentos. É possível perceber a trajetória destes sujeitos a partir de elementos que materializam as suas histórias e memórias.

A materialização da presença destes grupos sociais pode ser encontrada, por exemplo, em museus e centros de cultura, estátuas ou esculturas, elementos arquitetônicos, denominação de ruas e praças, entre outros. Cada uma dessas expressões contribui para preencher o espaço com a memória e a representação dos diferentes grupos.

Ao percebermos a ocupação dos espaços a partir deste novo olhar, algumas outras questões merecem ser analisadas. Pense um pouco nos espaços da cidade pelos quais você transita. Pense no nome das ruas, no nome das praças, nos monumentos que estão pela cidade. Quais histórias estão ali representadas? Quais os indivíduos ou grupos que ocupam estes espaços? Seguindo nesta reflexão, poderíamos nos perguntar quais os indivíduos e grupos que não estão representados? Quais os motivos e interesses que levam estes outros indivíduos ou grupos a não serem representados?

Podemos afirmar, a exemplo daquilo que realizamos nas últimas semanas, que este representa mais um contexto de disputas por ocupação de territórios. Desta forma, a ocupação destes territórios significa também a possibilidade de narrar determinadas histórias e, conseqüentemente, promover o silenciamento de outras.

A partir de um movimento que vem tomando cada vez mais força nos diferentes países da América Latina, é possível perceber o trabalho de grupos e instituições sociais com o objetivo de identificar, organizar e construir espaços que possam dar visibilidade à estas outras histórias e grupos, até então marginalizados. Associado a diferentes projetos, este movimento busca demarcar nos espaços públicos a presença desses sujeitos que, de forma direta ou indireta contribuíram para a construção da história latino-americana. Denominando ruas e praças, identificando territórios ancestrais, constituindo espaços culturais, vemos progressivamente a história de muitos povos ressurgir.

A história dos povos originários, por exemplo, vem assumindo uma presença cada vez maior nos espaços urbanos. Podemos pensar no *Monumento a los pueblos indígenas* no Chile, inaugurado

justamente no ano de aniversário dos 500 anos da conquista espanhola, 1992. Representando também a cultura e a resistência dos povos originários à colonização, a escultura do *Cacique de Turmequé*, inaugurada em 2019, na cidade de mesmo nome, na Colômbia.

A cultura e a presença dos povos vindos de África, que contribuíram para a construção da história latino-americana vêm ganhando destaque e sendo registrada em diferentes espaços. Em 2005, foi inaugurado no Rio de Janeiro o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN) com o objetivo pesquisar e preservar o patrimônio material e imaterial africano e afro-brasileiro. Outro importante exemplo no Rio de Janeiro é Museu da História e da Cultura Afro-brasileira. Situado na região conhecida como Pequena África e conhecido como um museu território tem como objetivo o resgate, a preservação e a revitalização da memória afro-brasileira, a partir da articulação de diferentes espaços como a Escola José Bonifácio, a Pedra do Sal, o Largo São Francisco da Prainha e o Cais do Valongo.

Projetos acerca da presença negra na América também são desenvolvidos também em outras regiões. Um exemplo destes é o projeto “*La Ruta del Esclavo: resistencia, libertad, patrimonio*”. Este projeto reúne diferentes países da região do caribe por meio da pesquisa, identificação e estudos sobre os diferentes registros de sítios das rotas das populações africanas escravizadas. Dentre os objetivos do projeto é possível identificar questões relacionadas à história e cultura dos povos africanos escravizados, direitos humanos, cidadania e luta antirracista, interculturalidade, arte contemporânea, entre outros.

Espaços destinados à preservação de memórias e histórias de indivíduos e grupos sociais mais contemporâneas também podem ser encontrados. Na Argentina, a memória e a história daqueles que lutaram contra a ditadura militar naquele país encontra no *Espacio Memoria y Derechos Humanos*, um importante referencial. Antigo centro de tortura da ditadura militar argentina, o antigo complexo de prédios da *Escuela de Mecanica de la Armada*, hoje abriga diferentes instituições públicas, organizações de direitos humanos e associações da sociedade civil, que desenvolvem projetos educativos e culturais de promoção da memória e dos direitos humanos.

No México, o *Museo Memoria y Tolerância* também constitui um importante espaço de reflexão sobre a história, a cultura e a memória dos povos. Além de expor, em seus diferentes andares, imagens e objetos que representam alguns dos maiores genocídios cometidos pela humanidade, também apresenta espaços artísticos que buscam promover a reflexão e a inspiração para a constituição de um mundo mais inclusivo e solidário.

Texto adaptado de: PAIM., E. A.; GUIMARÃES, M.F. (Orgs). Educar em tempos e espaços que se cruzam (ruas, escolas, museus e arquivos). Florianópolis: NUP/ CED/ Ufsc, 2017.

Para conhecer mais alguns espaços latino-americanos de memória e resistência, acesse:

<http://www.rio.rj.gov.br/web/muhcab>

<https://www.espaciomemoria.ar/>

<https://www.myt.org.mx/>